

## Literatura e Realidade Nacional

No INSTANTE em que o processo histórico brasileiro caminha na direção dos seus projetos específicos, não nos é lícito admitir uma literatura marginalizada, indiferente ao seu condicionamento fático. Não podemos e não seria honesto negligenciar a importância da sua ação na frente cultural. Cabe, aos que fazer literatura nêsse estágio do nosso desenvolvimento, integrá-la autenticamente na "armada da cultura".

Fôsse outra a *situação* brasileira, e essa responsabilidade estaria naturalmente cercada de apreensões. Mas hoje, hoje temos o tempo a nosso favor, como um aliado dessa empresa. Em "30" empreendeu-se uma caminhada no sentido do Brasil-Brasil (Era em grande parte o esquema de "22" traduzido em termos de ação política). Aquêles anos marcaram o encontro do brasileiro com a sua realidade. Com essa terra que era "terra incógnita" para a República Velha, já que pensava o Brasil através de esquemas teóricos importados (A alienação era a enfermidade que consumia a todos: e são exemplos típicos a constituição de 91 — mera *tradução* do presidencialismo norte-americano, com uma ética Auguste Comte. Também o positivismo "enragé" do Código Civil). "30" foi verdadeiramente o início de uma fase realista. Mas de um realismo natural, instintivo, comprometido com as impressões de primeira vista. Predominava o conhecimento impressionista. Os seus homens eram antes homens de ação que de pensamento. Havia uma urgência que não se harmonizava com a reflexão. Os homens que poderíamos identificar como de pensamento estavam também alienados. É certo que de forma diversa da República Velha.

Estes aderiam às novas formulações políticas européias, imaginando com elas poderem resolver a problemática brasileira. Esqueciam-se de que estavam recorrendo a matéria igualmente importada, defasada. Isto ocorreu com aquelas correntes, umas de direita, outras de esquerda, que se insurgiram contra a cidade liberal burguesa. O primeiro é o caso tragicômico do Integralismo. O segundo é o do PCB que, amparado na pseudofundamentação teórica dos seus líderes, e na ausência generalizada de conhecimento objetivo da realidade brasileira, não conseguiu escapar à alienação, e reduziu a sua máquina a um organismo hoje inoperante e retardatário. Julgavam que as ideologias, por serem novas na Europa, se aplicavam tranquilamente ao Brasil. Imaginavam aconselháveis à hipótese brasileira soluções engendradas por outras realidades. E êste equívoco persiste ainda. Esqueceram-se de que até mesmo nessa época interdependente que vivemos, época de integração universal, somente nos integraremos na medida em que formos *nós*.

O período sucessivo, de certo modo, poderia ser chamado de romântico. Refiro-me aos dias idealistas de "45". Fazíamos uma revolução às avessas. Retornávamos a moldes políticos antihistóricos, porque ultrapassados (Veja-se exemplo característico na pregação udenista). O panorama internacional e os enganos teóricos de "30" e "37" ensejaram o episódio de "45". A data de um retrocesso em nossa história cultural. No campo literário o fracasso se verificou através de uma oposição à experiência dos modernistas de 22 e de 30. O *instrumentalismo* não apenas não aprofundou essa ex-

periência, como se opôs a ela. Por isso a chamada "geração de '45" silenciou cêdo, institucionalizou-se, esterilizou-se. No campo político a conseqüência foi semelhante. A Constituição de 46 só não está totalmente alienada graças à ação de representantes de um pensamento político atualizado e ao hábito, consolidado através de quinze anos, de pensar a realidade brasileira. Mas não souberam seus protagonistas buscar um fundamento econômico e financeiro capaz de atender às novas obrigações. Este fundamento só mais tarde seria encontrado. Depois de intenso período de reflexão, de atenção para a nossa realidade.

As gerações de hoje, beneficiadas já por essa tradição autoreflexiva que se foi formando, desejam-se mais conseqüentes. Estão de posse de análise objetiva da nossa realidade. Formulam soluções acima dos expedientes impressionistas. O realismo de hoje é um realismo aparelhado, científico. Pensamento armado. É a perspectiva que está exigindo a modificação estrutural das nossas instituições. Já sabemos como o Brasil realmente é. Podemos, portanto, deduzir como êle *deve ser*. Podemos enunciar uma política que atenda às necessidades e não apenas aos ideais. Uma política ontológica e não simplesmente lógica. Porque a lógica não tem os pés na terra.

Este país modulado pelo realismo, por êsse sentido da necessidade, calcula o seu caminho. E porque assim age reclama, pela voz popular unânime, as chamadas reformas de base. A presente situação interna e externa, econômica e política, com a qual o Brasil se defronta, exige atitudes concretas. Urge organizar o país para os seus novos encargos, corrigir as contradições de um desenvolvimento que se desenrola assimetricamente, promover uma distribuição mais justa da renda nacional. Urge descentralizar o processo cultural.

Mas é preciso para isto que nos engajemos todos, o político, o intelectual, o operário, o estudante. Que haja uma mobilização profunda de tôda a nossa capacidade produtiva. Essa arrematamento das nossas próprias energias — muito mais do que os auxílios externos — deve ser a verdadeira força motriz de nossa arrancada desenvolvi-

mentista. Mas é indispensável uma palavra de ordem inspiradora de confiança. Decidida. Autêntica. Elaborada de uma perspectiva rigorosamente brasileira. Porque uma nação é um estilo, uma alma, uma perspectiva. O êxito do nosso futebol, da nossa música popular, se explica exatamente pela fidelidade absoluta a êsse estilo, a essa alma, a essa perspectiva. São elementos de vanguarda na consolidação do processo nacional. É preciso que a êles se incorporem os retardatários. Para que *sejamos*. Consistentemente.

E para servir a essa causa foi criada a revista *Tempo Brasileiro*. Para trazer o seu esforço reflexivo ao nosso desenvolvimento. A transformação brasileira não se consumará se não se efetivar também na faixa cultural. Isto não tem sido compreendido pelos nossos dirigentes, insensíveis, despreparados quase sempre, e nem tampouco pelos nossos intelectuais, inertes quando não alienados. Assiste-se, com silêncio e indiferença criminosos, à colocação da cultura à margem do acontecer nacional. A cultura não auxilia e nem é auxiliada. Pelo menos tanto quanto deveria. Quando nos percebemos um povo todo empenhado na simples subsistência, não é honesto o cruzar de braços. É preciso despilatar o intelectual. Que êle também lute — à sua maneira, é claro — para conferir ao homem enclausurado pelo subdesenvolvimento uma outra medida. O Brasil somente se lucionará do ponto de vista do Brasil. Pretendemos o Brasil por êle mesmo. As soluções para os seus problemas não podem ser importadas. É necessário evitar o engendramento estranho. O intelectual tem importante papel na formação dessa perspectiva autenticamente brasileira. Vivemos, sem dúvida, uma fase interdependente. Mas a interdependência, a integração, só será viável se fôr a soma respeitosa de especificidades. Nossa realidade é demasiado complexa para conformar-se com os dogmas plácidamente estabelecidos ou com os esquemas alheios ou estranhos a sua índole.

Mas eu gostaria de particularizar um pouco o caso da literatura. É ela — sou forçado a reconhecer — peça retardatária dentro do processo. A realidade fenomenal brasileira é

muito mais rica e forte do que a consignada em nossa literatura. Daí certos aspectos da vida e da alma brasileiras não terem sido captados pelos nossos escritores. Falo em termos de autenticidade.

Falarei agora da inércia. Nossa literatura continua identificando-se por uma visível vocação de impotência para criar seus próprios instrumentos e temas. Somos, com raras exceções, literatura de repetidores. Este fato é alimentado por uma superlativa inércia, que insiste em contaminar o sistema cultural do país. Essa inércia se manifesta preliminarmente no caráter deploravelmente conformista que é ainda o da maioria dos nossos escritores. Mas se manifesta igualmente na direção das Universidades, das casas editôras, dos centros de pesquisas, na própria concepção de cultura que o Estado comodamente adota.

Existem é certo, os componentes válidos desse quadro aparentemente sombrio. Os elementos positivos que aceleram a marcha. Que se sobrepõem aos saudosistas; àqueles que debruçados sobre o passado imaginam-se descobridores do futuro. Àqueles autores ou movimentos supostamente vanguardistas mas, na verdade, nada além de produtos anacrônicos de uma postura inocente e falsa. Acredito que hoje, distanciados quarenta anos da Semana de Arte Moderna, com o nosso discernimento crítico funcionando a todo vapor, podemos dizer, com razoável propriedade, da situação e futuridade dessa literatura. Eu a vejo hoje, neste preciso

instante, e no auge do seu percurso dialético, num período enormemente fecundo. Explico a sua autenticidade pelo esforço de desalienação iniciado. E sua riqueza e amplitude pela visível diversificação do trabalho literário criador. A ponto de nela convivem, com suas individualidades nitidamente configuradas, herdeiros do psicologismo, do regionalismo, do instrumentalismo. Todos eles, agora, lúcidamente entregues à tarefa de criar ou manipular instrumentos e temas especificamente brasileiros. Repelindo convenientemente a defasagem de outrora. E através desse sadio empenho amplificador, dilatando as dimensões do nosso campo criador. Construindo uma literatura do tamanho do Brasil; que não lhe envergonhe, porque lhe corresponda, que não seja a sua sombra, mas o seu reflexo.

E tudo isto se vem verificando graças a notável tomada de consciência do trabalho literário. Devida sobretudo às novas formulações críticas. A uma crítica literária que deixou de ser mero exercício impressionista para ser uma forma superior de conhecimento. Devida igualmente ao surgimento das Faculdades de Letras, agente da ampliação do mercado consumidor de literatura e, em consequência disto mesmo, do mercado produtor de literatura. A ambição de desenvolvimento atingiu a literatura. Que os nossos escritores não se percam, não se marginalizem, não se deixem tragar pelo processo. E que saibam ser fiéis às suas novas responsabilidades.

## RÉSUMÉ

Au moment où le processus historique brésilien entre dans la voie de projets spécifiques, il n'est plus possible de créer une littérature en marge de la société. Il est vrai que ce n'est pas la première fois que l'on veut engager dans la société l'écrivain brésilien. Cela a été le but des écrivains de 22, traduit en 30 en des termes politiques. Ces années-là ont vu l'affrontement des Brésiliens et de leur réalité. Cependant les temps n'étaient pas favorables à cette entreprise et la responsabilité naissante a été faible et limitée. De toute façon, on commençait à se libérer de l'aliénation. Les années 30 ont été le début d'une phase de réalisme, quoiqu'insolent, sans l'appui des intellectuels, qui continuaient à importer des solutions étrangères. La période suivante, celle de 45, est selon l'auteur une régression à des modèles politiques périmés, régression provoquée par la situation internationale et par les erreurs théori-

ques de 30 et de 37. La génération de 45 s'institutionnalise vite tant au point de vue politique que littéraire.

La génération actuelle a l'avantage de compter sur un passé d'autoréflexion, reçu des autres générations, et d'être appuyée par le caractère irrévocable du développement national. L'esprit réaliste actuel fait preuve de l'avantage de critique et moins d'instinct. D'où la clameur pour les réformes de l'infrastructure du pays. Il faut cependant engager l'intellectuel dans cet effort national. La transformation du Brésil ne peut pas se faire sans le travail de ses intellectuels. Il semble qu'on ne l'a pas compris.

L'auteur analyse ensuite la position retardataire de la littérature, qui n'est pas encore apte à comprendre la réalité brésilienne. Notre littérature reste inerte.

Le bilan final de l'auteur est optimiste. Il

croit que l'intense prise de conscience du travail littéraire conduira à une appréhension

plus globalisante du Brésil, de la part de ses écrivains.

### SUMMARY

At a time when the Brazilian historical process tends towards the crystalization of its specific goals a marginal literature cannot be accepted anymore. It is true that this is not the first time one tries to turn the Brazilian writer into someone responsible for the community's fate. This was precisely what our 1922 writers had in mind and also precisely what in 1930 was put into practice. Those years represent the meeting point of Brazilians and their reality, though time was not yet ripe for those attempts at intellectual and political liberation. Their responsibility then turned out to be limited and bordering on sheer failure. Be as it may, the fact is that we were trying to rid ourselves of our political alienation which used to be then almost absolute (the Author illustrates this fact our 1891 Constitution, a crude imitation of American presidentialism in which it was injected quite a measure of Comte's ethics, as well as with our *enragé* Civil Law). The year 1930 has been the starting point of rather realistic period, though naive and not at all supported by the work of our *intelligentsia*, which insisted in importing their motivations and solutions from across the Atlantic.

The following period, namely the year 1945, seems to the Author to be a setback in which a retrogression towards long-overcome political effected, something he thinks to be definitely lined up with the international situation at that time and the many mistakes of a theoretic

type which were committed in 1930 and 1937. Thus it stems from this fact the rather quick institutionalization both political and literary of that generation of writers and thinkers.

Present day generations have a few advantages over those past ones, as for example the fact that they now count on a fairly extended background of critical reflexion on those experiences as well as on the irreversible character of the development of our Nation. Now, so to say, the realistic character of whatever is going on in the minds of our writers seems to have a critical tendency rather than a purely intuitive one. This is precisely where all this cry for basic reforms come from. Its is thus understandable that our *intelligentsia* should be brought into the crucible of our national effort. The transformation that Brazil is undergoing cannot and should not be accomplished independently of our thinkers and writers. But the Author wonders whether this fact has ever been fully understood.

The backward nature of Brazilian literary production is then analysed with an eye on its incapacity to encompass the whole of Brazilian reality. Brazilian literature still remains static. Nevertheless, the Author's final account is optimistic. He certainly believes that the present day trend in our literary production towards an ever increasing consciousness of its political responsibilities will engage our writer in our historical process.